

# Espécies Lázaro | Vanesa Sotelo







*Espécies Lázaro* é um texto escrito em 2020, a convite da companhia Teatro Art'Imagem, e estreado em 2021, numa versão bilingue português e galego, com a seguinte equipa artística:

Texto e encenação: *Vanesa Sotelo*

Assistente de encenação / Voz Off: *Daniela Pêgo*

Tradução Galego/ Português: *Diana Vasconcelos*

Tradução Galego / Castelhana: *Vanesa Sotelo*

Interpretação: *Flávio Hamilton, Pedro Carvalho e  
Davide González*

Direcção técnica e desenho de luz: *André Rabaça*

Música e Sonoplastia: *Davide González*

Figurinos: *Sofia Silva*

Costureiras: *Ana Fernandes, Rosa Maria de Almeida*

Ideia Cenográfica: *Carlos Alonso*

Execução Cenográfica: *José Lopes*

Direcção de Produção: *Sofia Leal*

Assistente de Produção: *José Pedro Pereira*

Design: *Tiago Dias*

Fotografia: *Nuno Ribeiro*

Vídeo Promocional: *André Rabaça*

Direcção Artística do Teatro Art'Imagem: *José Leitão*

Temporada de estreia: 15 a 20 de junho de 2021 na Quinta da Caverneira – Maia, Portugal.

Estreia Internacional: 8 de julho 2021 (Mostra Internacional de Teatro Cómico e Festivo de Cangas do Morrazo, Galiza).

## S. XXI: Navio oceanográfico Isabel Barreto

As especialistas a bordo do navio oceanográfico Isabel Barreto desenvolvem um projeto de catalogação do fundo marinho do Banco da Galiza. Depois de várias semanas de convivência e de uma doença inesperada, a tripulação mostra os seus preconceitos e as suas diferenças num enquadramento de humores instáveis devido ao fenómeno de “anteparite”, um síndrome que experienciam as pessoas confinadas no mesmo lugar durante muito tempo.

## S. XVI: Galeão São Jerónimo

Em janeiro de 1596 o galeão São Jerónimo dirige-se rumo a Manila depois da sua falhada expedição às ilhas Salomão, descobertas por Álvaro Mendaña em 1567. Depois da morte de Mendaña, a sua viúva, Isabel Barreto – a primeira almirante na história da navegação – comanda uma tripulação reduzida, sem mantimentos e sem água.

Fósseis duma geração utópica.  
Significa que o mar nos foi deixando solitários  
como às bestas  
e não pudemos derrubar a esperança.  
Alfonso Pexegueiro, *Serão os cisnes que voltam?*

Então KZ abandonou tudo, e desapareceu. Deixou  
dito: *Vou procurar um coelacanto*. E nunca mais  
voltou, nunca mais voltará.

Herberto Helder, *Os Passos em Volta*

## CENA 1: TUDO OCEANO

Tudo oceano. Somos tudo oceano. Sangue oceano. Corpo oceano. Olhar oceano. Pensamento oceano. Memória oceano. Deste lugar do oceano consigo ver. A quantidade de corpos que tiveram de morrer para chegar a este corpo. A quantidade de vozes que tiveram de se ouvir para chegar a esta voz. A quantidade de sonhos que tiveram de se ativar para chegar a este pensamento. Deste lugar perdido do oceano consigo ver. A vida imortal que há em cada vida. A história imortal que há em cada história. Os silêncios que há em cada silêncio. Deste lugar consigo ver. Um corpo em mim que ainda não reconheço. Uma memória em mim que ainda não reconheço. Uma voz em mim que ainda não reconheço. Um silêncio em mim que ainda não reconheço. Um rumo em mim que ainda não reconheço. Um destino em mim que também é o meu.

CENA 2: À VISTA DESARMADA

*Navio oceanográfico Isabel Barreto. B. e C.*

B. (*Acendendo a luz.*) Ainda aqui?

C. Estava a pensar.

B. Às escuras?

C. Às vezes, é melhor prescindir da luz para aclarar as ideias. Há coisas que não se podem ver à vista desarmada.

B. Suponho que seja por isso que decidi passar a vida colado a um microscópio.

C. E consegues ver?

B. O quê?

C. O que acontece realmente.

B. O que acontece...

C. O que se passa no fundo. Ver o fundo há-de explicar o que acontece à superfície.

B. Saber o que há no fundo não significa querer entender nada do que se passa à superfície.

C. Estão aqui para isso, não?

B. Achas que viemos catalogar o fundo para o conservar?

C. É o que estou a perguntar.



B. Não sei se alguém se interessa por entender seja o que for.

c. Vocês falam sempre em código?

B. Nós?

c. Os biólogos.

B. Estou há dias encerrado aí na gruta. Já não sei o que digo. É como sair de um túnel do tempo.

c. Estar aqui é entrar num túnel do tempo.

B. Trabalhar aí em baixo é como estar numa mina mas com luz permanente. Nunca sabes se é de dia ou de noite.

c. Em Svalbard também não sabias se era de dia ou de noite.

B. Estiveste em Svalbard?

c. Há anos. E lá era sempre de dia. Sabes o que é ver nevar no mês de agosto?

B. Não.

c. Pois é isso: um túnel do tempo. (*Pausa.*) O que procuras?

B. Uma chávena para fazer café.

c. Estão aí à frente.

B. À frente de quê?

c. À tua frente. Nas prateleiras.

- B. Nas prateleiras...
- C. As prateleiras que estão na antepara.
- B. Estás a gozar comigo?
- C. Se te estou a gozar? Eu a ti? Não vês as chávenas?
- B. Nem as chávenas nem as prateleiras.
- C. Vês a cozinha?
- B. Sim. A cozinha, sim.
- C. O que há em cima?
- B. Em cima há um tabuleiro com a massa do pão.
- C. Se andares para a direita, à altura da tua cabeça há duas prateleiras. Nas prateleiras há...
- B. Agora sim, estou a vê-las.
- C. Vês os micróbios mas não vês o que está à vista desarmada.
- B. Era o que estava a dizer: é como trabalhar numa mina. Quando saía do poço, o meu pai tinha de deixar passar algum tempo para que os olhos se habituassem de novo à luz.
- C. Havia mulas que ficavam cegas por causa da escuridão. Entravam ali e já não voltavam a sair.
- B. Também tens família mineira?
- C. Só conto o que me contam.

B. Havia muitos portugueses no Bierzo. Não se davam bem com os galegos nem connosco, os cabobercianos. *(Pausa.)* É curioso.

C. O quê?

B. Que também penses como as mulas. Quero dizer: na escuridão.

C. Sim, há coisas que ninguém consegue ver à vista desarmada.